

“Padre” Bernardo : um estudo de devoção em Maringá-PR (2005 – 2012).

Vanda Fortuna Serafim (LERR-UEM)

A comunicação parte de um trabalho de campo realizado nos dias de Finados, no Cemitério Municipal de Maringá, entre os anos de 2005 a 2012, buscando perceber a forma como alguns setores da população da cidade vivenciam sua relação com os seus santos informais. O homem religioso deseja viver o mais perto possível do sagrado. Ele sente necessidade do sagrado no seu dia-a-dia e, como Deus, o Ser supremo está distante, afastado, o homem procura experiências religiosas mais concretas. Ao substituir a própria divindade, ao deixar de ser um intermediário, o santo pode realizar a sua manifestação máxima: o milagre.

Nesse sentido minha proposta consiste em analisar as representações da morte a partir de observações realizadas e da presença de visitantes aos túmulos do Padre Bernardo, no Cemitério Municipal de Maringá, no Estado do Paraná, especialmente durante o Dia de Finados, quando seu túmulo recebe grande contingente de fiéis. A partir das notícias veiculadas pela imprensa maringaense e por relatos de visitantes desses túmulos, abordarei esse processo utilizando os conceitos de representação de Roger Chartier (2002).

O monsenhor Bernardo, mais conhecido como *Padre Bernardo*, nasceu na França, em 1939 e estava no Brasil desde 1966. Em Maringá, tomou posse da paróquia Divino Espírito Santo em dezembro de 1969. *Padre Bernardo* veio ao Brasil, a convite de Dom Jaime, bispo titular da cidade. Este, quando de uma visita ao seminário no qual aquele estudava, descobriu seu interesse em conhecer o Brasil. Ao saber disso, Dom Jaime o provocou dizendo que *para conhecer o Brasil era preciso viver nele*. Quando ordenado padre em 29/06/1966, podendo optar entre o Haiti e o Brasil, Bernardo veio para cá. Mesmo falando pouco português, passou por duas paróquias até assumir a Divino Espírito Santo.

Faleceu de infarto fulminante, no início da segunda-feira, dia 20/11/2000, sendo enterrado no Cemitério Municipal de Maringá, no dia seguinte, às 17h30min, próximo ao Cruzeiro, contrariando a tradição, pois todos os padres são enterrados no Cemitério Rainha da Paz, localizado atrás do Parque do Ingá, numa propriedade

da Igreja. Em vida, o monsenhor já costumava dizer que, mesmo morto gostaria de ficar perto do povo e sua vontade foi respeitada. O corpo do padre foi velado na Paróquia Divino Espírito Santo, onde foi visto por fieis de todas as idades, obrigando formar filas para evitar tumultos:

No início da tarde, teve uma grande multidão que se espremia dentro do templo, enquanto milhares de pessoas permaneciam silenciosas e vigilantes do lado de fora, espalhando-se pela praça. Muitas pessoas que se aproximavam da urna funerária não se continham, chorando discretamente e beijando as mãos pálidas do morto. (ROCHA, 2000, s/p).

Foi celebrada uma missa em sua homenagem de quase duas horas. O cortejo foi acompanhado a pé por centenas de pessoas. O trânsito foi interrompido para a passagem do cortejo. A família do padre, em virtude da distância não conseguiu chegar a tempo do enterro. O *Padre* Bernardo, que já recebia homenagens em vida, recebeu o Título de Cidadão Benemérito de Maringá em 1998 (ROCHA, 2000).

Monsenhor Bernardo era o único padre da região, autorizado pelo bispo a realizar exorcismos. Era popular entre os fiéis que o procuravam quando os problemas e as dificuldades apareciam. Atribuía a ele, a capacidade de conceder graças dos mais diversos tipos. Uma senhora entrevistada no cemitério nos disse: *mesmo assim, quando íamos atrás dele, tinha que ser meio em segredo, por que os outros padres não gostavam que disséssemos que ele fazia isso e nem o bispo.*

Nas palavras de Dom Murilo Krieger, aos olhos de alguns, o *Padre* Bernardo era um bondoso acolhedor, tinha o dom de com as palavras animar aos tristes e abatidos, para as mães eram carinhoso com as crianças e obtinha-lhes cura através de suas orações, os leigos viam nele o humor constante e a capacidade de trazer uma palavra de conforto em meio a tantas desgraças e os padres poderiam retratar o prazer com o qual preparava uma refeição aos seus irmãos no sacerdócio.

Não podemos negar a popularidade que o *Padre* Bernardo teve em vida. No entanto, sua morte também foi santificada, pois, de acordo com os fiéis, o *Padre* Bernardo não deixou de fazer contatos com esse mundo após sua morte. Em 2004, numa reportagem do jornal O Diário, o massoterapeuta Carlos de Souza, divulgou ter contato com o padre desde 2002 e que só não havia exposto até então, pois

receava os comentários que poderia suscitar, principalmente por parte das pessoas incrédulas e maliciosas (O DIÁRIO, 2004).

Carlos de Souza, contou que o primeiro contato ocorreu em 23/01/2002, às 21h30min. Ele estava na sala quando viu uma luz de cor amarela se formando até ficar bem forte. Tinha um sorriso simpático e pela roupa que usava, notou se tratar de um padre; mas não o reconhecia. Só conseguia ouvir o que o padre dizia se fechasse os olhos. Bernardo se apresentou e Carlos disse-lhe que tinha muita vontade de conhecê-lo, perguntou ainda se o padre precisava de alguma coisa; ele disse que naquele momento não, voltaria outra vez se Deus lhe permitisse. (O DIÁRIO, 2004).

No dia 17/03/2002, o *Padre* Bernardo fez um segundo contato, acompanhado de um outro padre, monsenhor Kimura, também de Maringá. Desta vez lhe pediu para que alertasse ao Dom Murilo sobre sua saúde. Receoso, Carlos não se manifestou tempo e depois Dom Murilo passou mal em Santa Catarina e teve que se submeter a uma cirurgia do coração. (O DIÁRIO, 2004).

O terceiro encontro teria ocorrido em 01/11/2002, desta vez quando Carlos estava acompanhado por oito ou dez companheiros, todos vestidos de branco. Bernardo disse que sua missão aqui estava incompleta, devido a seu desenlace precoce. Desejava inaugurar uma casa de oração em Maringá, uma casa ecumênica, aberta a todas as religiões, a fim de socorrer os irmãos em sofrimento. Mas para isso, precisava que Carlos fosse seu porta-voz (O DIÁRIO, 2004).

Na quarta comunicação em 24/12/2002, Bernardo apenas esboçou um sorriso e sumiu rapidamente. Queria que Carlos tomasse as providencias para a abertura da casa, que ele mesmo chamou de “casa de Jesus”. Na quinta comunicação, em 09/03/2003, o *Padre* Bernardo, contou-lhe sobre sua vida, pedindo-lhe para que não divulgasse esta visita. Envergonhado, Carlos perguntou por que não dava continuidade à sua tarefa nos próprios núcleos católicos. Ele respondeu que seu intuito era impraticável dentro dos moldes católicos, e que deus não olhava rótulos religiosos. (O DIÁRIO, 2004).

Na sexta comunicação em 09/03/2003, o monsenhor indagou se poderia contar com Carlos, surpreso, disse que sim. Na sétima aparição, em 20/05/2003, ele apareceu com uma espécie de livro nas mãos, mas não falou nada. Na oitava

comunicação em 12/09/2003, o padre disse que finalmente poderiam dar início à sua obra. Na nona e última comunicação, de 29/01/2004, o *Padre* Bernardo disse que gostaria que Maringá soubesse que ele estava ainda mais vivo em plena atividade. (O DIÁRIO, 2004).

Em resposta ao acontecido, o sucessor do *Padre* Bernardo, disse considerar tal comunicação incoerente, além de ser ridículo e ofensivo à memória do monsenhor. Por que o padre Bernardo estabeleceria relações com uma pessoa que nem conheceu em vida? Por que alguém de fora do clero? Além disso, as mensagens colocadas na boca do falecido teriam grande teor espírita, o que não confere com a vida do padre. Recomenda que a comunidade não releve tais episódios que só podem ter duas explicações: má fé ou desequilíbrio mental. (UTSUNOMIYA, 2004).

Dentre as significações da palavra *representação*, apresentadas por Chartier, nos parece mais pertinente ao caso, enquanto a manifestação de uma ausência que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representação, o que nesse caso, seria instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é. A relação de representação também pode ser turvada pela fragilidade da imaginação, fazendo com que se tome o engodo pela verdade e considere os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe.

A ideia acima pôde ser materializada na pesquisa de campo do dia 20/11/2005, quando completava cinco da morte do monsenhor Bernardo. O túmulo do Monsenhor, logo no início da manhã, já contava com flores e velas; às 08h00min havia treze vasos de flores e as 11h00 min, onze velas e mais dois vasos de flores estavam em seu túmulo, sinal de que várias pessoas passaram pelo local.

Dentre as pessoas entrevistadas, podemos destacar Lourença de Lourdes da Silva, 65, que diz ter alcançado uma graça concedida pelo *Padre* Bernardo. Esta senhora contou que possuía uma hanseníase *atacada* e o médico já havia desacreditado, mas ela curou-se a partir do momento que começou freqüentar as correntes de oração coordenadas pelo monsenhor na Paróquia Divino Espírito Santo, há vinte e seis anos atrás.

A filha, que a acompanhava revelou que a mãe era *perturbada por um espírito*, que segundo o padre Bernardo teria morrido a mingua numa estrada, na qual D. Lourença teria passado, e seu corpo teria se definhado com o sol. Um dia quando a filha chegou em casa e sua mãe estava alterada e falava coisas estranhas, resolveu levá-la ao padre. Em seu carro havia um crucifixo, ao qual não reagiu muito bem. Na igreja, bebeu, literalmente, um balde de água. Por meio de orações, o monsenhor teria conseguido guiar o espírito à luz. A senhora que cinco dias após o ocorrido tinha uma consulta médica em Curitiba para tratar a doença, *com a ajuda do padre não precisou ir*. Embora fizesse tratamento médico, D. Lourença atribui sua cura ao monsenhor.

Outro caso que é interpretado como milagre é o de Raimunda Maria Moreira de Souza, 53. Ela chegou em Maringá em 1976, pouco antes da filha Geovana Ferreira de Souza completar três anos. No aniversário, a menina teria colocado um vestido que tinha achado não se sabe onde, e a partir daí passou a ter acessos constantes, no hospital ficava violenta e até mordida a mãe. Desesperada, D. Raimunda ia quase todos os dias à Catedral rezar. Uma moça que trabalhava na igreja, percebendo a presença constante da mulher, indagou-lhe sobre o que acontecia, foi então que lhe indicaram o monsenhor. Chegando à Paróquia Divino Espírito Santo, com Geovana e seus outros filhos, uma moça morena com feições muito feias, teria a incomodado constantemente, pedindo que se retirasse dali.

Mesmo assim, D. Raimunda esperou até a hora da missa. Quando o Monsenhor Bernardo pediu que formassem filas para as bênçãos, Geovana deu-lhe as costas. Mesmo assim *foi benzida e nunca mais teve crises*. Geovana teve inclusive um filho ao qual chamou de Bernardo. Dois anos antes da morte do padre, D. Raimunda, o encontrou em um supermercado, abraçando-o, contou-lhe sobre sua filha. Ele disse que se tratava de uma graça e que outros fiéis, já haviam lhe dito de pessoas que os tentam por fora da igreja e depois desaparecem. Para ela foi um milagre, por isso vêm ao túmulo todos os anos. Além desses, há outros casos de pessoas que pediam por casamento, para entrar em faculdades, para vender carro e alcançaram graças.

De acordo com José Guilherme Magnani (1984), milagre, em termos etimológicos, vem do latim *miraculum*, de *mirare* (admirar e admirável). É algo que

escapa, na verdade, ao cotidiano e à norma. Tudo aquilo que é diferente e digno de ser admirado como quase contrariando as leis da natureza é, em geral, qualificado como milagre.

Segundo Alba Zaluar, a devoção aos santos está carregada de aspectos práticos em detrimento aos aspectos formais; em toda localidade existe a devoção a algum santo, que são homenageados por meio de novenas, ladainhas, festas ou danças. Os santos mais poderosos têm seu dia de festa.

É marcante a preocupação com a doença e os outros males aos quais se atribuem causas sobrenaturais. A decisão de recorrer aos diversos tipos de curadores existentes localmente parece decorrer de raciocínios mais ou menos integrados (ZALUAR, 1983).

O campo sob o domínio de Deus e dos santos não está necessariamente limitado às doenças. A ajuda dos santos é invocada para todos os acontecimentos em que existem elementos de incerteza e que escapam ao controle humano. Na relação de reciprocidade que a promessa impõe estão o pedido feito ao santo, a dívida a saldar, a efetivação do pagamento ao santo, quando da graça alcançada.

Os ex-votos são elementos materiais ofertados aos santos, que concretizam o agradecimento e é posterior à graça recebida. É o pagamento ao santo feito com uma representação iconográfica do objeto da bênção, que podem ser: fotografias da pessoa beneficiada, modelagem das partes do corpo afetado pela doença, placas contendo mensagem de agradecimento, enfim tudo o que pode atestar o poder miraculoso do santo.

A relação de reciprocidade entre homem e santo marca a instrumentalidade de um contrato diático, que ligaria duas pessoas, estabelecendo entre elas um sistema de trocas de caráter especialmente econômico, com finalidades práticas explícitas, e que assim contribuiria para reforçar a solidariedade social, cada qual ocupando uma rígida posição social e tendo de seguir um conjunto de regras sociais no relacionamento com o outro (ZALUAR, 1983).

O milagre acontece sempre que um pedido é considerado realizado. Os santos e seus mediadores humanos adquirem fama de milagreiros por sua capacidade de curar e tornar realidade os pedidos dos clientes ou devotos.

De acordo com Zaluar, a crença no milagre parece ser consequência da negação do acaso, que em nossa sociedade reconhecemos quando usamos a categoria sorte para caracterizar determinados eventos. Tudo aquilo que cai fora dos modelos de explicação do senso comum ou do processo rotineiro e óbvio de relacionar causa e efeito pode ser visto, dentro do catolicismo popular, como constatação da força milagreira do santo. O santo está ligado a sua capela, do seu lugar, ponto de referência para a comunidade de seus devotos e de que sua autoridade é incontestável (ZALUAR, 1983).

A crença em santos familiares ou criados pelo imaginário popular traduz uma aliança com um determinado santo, que protege o indivíduo durante toda a sua vida e mesmo além dela, em troca de sua veneração e cumprimento de deveres rituais. O compromisso, que envolver uma espécie de contraste entre santo e devoto com finalidades específicas e limitadas no tempo, se traduz pelas promessas aos santos, que se apresentam como especialistas em um determinado tipo de proteção.

O homem religioso tem duas posturas diante de sua relação com o mundo; ele acredita que a vida na Terra é uma passagem para uma vida melhor, mas também busca resolver seus problemas mais imediatos. Além da tentativa de resolução de seus problemas via instituições sociais, ele também procura o auxílio do transcendente por intermédio de santos, pais-de-santo, rezadeiras, terreiros, cartomantes, dentre outros.

É por meio do mito religioso que o homem religioso busca uma identificação com a divindade, com o transcendente. Quanto mais personificado for o transcendente, maior o sentimento de pertença a um projeto coletivo de salvação. É o caso do culto aos santos, pois com o passar do tempo a oração oferecida a Deus passa a ser oferecida ao santo, que já demonstrou, pelos milagres que realizou, ser portador de poderes divinos.

A proteção que o fiel implora ao poder do sagrado vai no sentido de que sua vida não seja uma sucessão de sofrimentos. Sua religião de proteção o acompanha sempre. É uma religião de fé e de esperança. Esperança que tem um duplo sentido: confiança no poder do sagrado para escapar à fragilidade do viver, e esperança numa outra vida diferente da que leva.

Enfim, para o homem religioso, o milagre aparece como mudança brusca, admirável, apoteótica, uma presença sobrenatural na natureza. É a manifestação do poder de Deus, manifestação da magnificência dos poderes sobrenaturais, que estão fora do mundo e que de tempos em tempos intervêm e se mostram aos homens.

Referências bibliográficas.

Artigos de Jornais

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Padre Bernardo envia mensagem a fiéis. 18/04/04.

ROCHA, Elvio. Fiéis despedem-se de padre Bernardo. *O Diário do Norte do Paraná*-20/11/2000.

UTSUNOMIYA, Elaine. Igreja acha ridículas mensagens de padre. *O Diário do Norte do Paraná* – 20/04/2000

Publicações eletrônicas

Entrevista com Carlos Aparecido Perolim. Disponível em: <http://www.homenett.com.br/visualiza.php?codigo=3980>. Acesso: 11/02/06.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Finados. Caderno Cidades ,Quinta-feira, 01/11/2007 às 17h57. Disponível em <http://www.odiariomaringa.com.br/noticia/163018> acesso em 06/06/2008.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ. Dia de Finados deve terminar com 300 mil visitantes passando pelo cemitério de Maringá.. Sexta-feira, 02/11/2007 às 10h59. Disponível em <http://www.odiariomaringa.com.br/noticia/163107> acesso em 06/06/2008.

Entrevistas

Lourença de Lourdes da Silva, 65. Entrevista realizada em 20/11/2005.

Raimunda Maria Moreira de Souza, 53. Entrevista realizada em 20/11/2005.

Bibliografia:

CHARTIER, Roger. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

MAGNANI, José Guilherme. Curas e Milagres. In NEGRÃO, Lísias. *A religiosidade do povo*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 123-150.

ZALUAR, Alba. *Os Homens de Deus*. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.